

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

Portaria

Tendo Nós conhecimento de que na cidade de Guimarães se faz o exercicio de *Via-Sacra* nas ruas publicas nos domingos da Quaresma percorrendo sem nenhum espirito de devoção, e até por vezes de um modo irreverente, e com grande escandalo das pessoas tementes a Deus, os oratorios chamados dos *Passos* do Senhor existentes nas mesmas ruas:

Considerando que, se é proprio do Nosso ministerio Pastoral aprovar e até promover os actos de piedade e religião, quando estes se fazem para prestar a Deus o culto devido e para edificação dos fieis e salvação das almas, tambem não é menos proprio do mesmo ministerio Pastoral prohibir esses actos, quando a malicia humana se serve delles para ofender a Deus, ridicularisar a religião e causar a ruina espiritual de muitas almas:

Considerando que, segundo estamos informado, estes e outros inconvenientes graves se têm dado nos sobreditos exercicios da *Via-Sacra*, que nos domingos da Quaresma se têm feito nas ruas publicas da cidade de Guimarães:

Havemos por bem ordenar a todos e a cada um dos Reverendos Parochos das freguesias da cidade de Guimarães que á estação da Missa conventual dêem aos seus parochianos leitura desta Nossa Portaria, pela qual providenciaremos o seguinte:

Ordenamos que daqui em diante o exercicio da *Via-Sacra* se faça só no interior das igrejas, capellas ou oratorios, ou tambem em redor dos templos, em cujas paredes exteriores estiverem canonicamente erectas as cruces proprias desta devoção, ou no recinto dos cemiterios, onde estiver erecta a *Via-Sacra*.

Prohibimos portanto que de hoje em diante se pratique o mencionado exercicio da *Via-Sacra* nas ruas publicas da cidade de Guimarães nos domingos da Quaresma ou noutros quaesquer dias do anno.

Não é intenção Nossa comprehender nesta prohibição a Procissão, que nos primeiros quatro domingos da Quaresma costuma sair da igreja de S. Francisco depois do sermão com a imagem do Senhor dos Passos, nem as *Vias-Sacras* que se fazem no domingo, em que sai a grande Procissão de Passos.

Esta Nossa Portaria depois de registada seja remetida ao M. R. Conego Arcipreste de Guimarães, e aos Reverendos Parochos das freguesias de Nossa Senhora da Oliveira, S. Sebastião e S. Paio da mesma cidade para seu conhecimento e devidos effectos.

† Manuel, Arcebispo Primás.

Mons.^r Francisco Xavier da Cunha,

Conego Secretario.

Carta do Porto

O discurso que o snr. D. Carlos leu na abertura do parlamento, no dia 3 deste primavera mês de abril, foi uma desillusão para muitos padres, de boa fé, que acreditavam nas boas intenções do snr. ministro da justiça. Sempre manifestamos a nossa opinião de que não acreditavamos que o governo tivesse sentimentos de justiça, ou ao menos de commiseracão, para com a desprezida e oppressa classe parochial.

Habitamos-nos desde ha muito a pôr de reserva todas as boas promessas que qualquer ministro exponha á contemplação do país, ou essa exposição se faça nos jornaes ou nas camaras. E tem a experiencia dado em resultado o conhecimento previo da falsidade das suas promessas, especialmente quando sam feitas para bem da igreja.

Os governos importam-se bem pouco com o bem da igreja; ignoramos, mas crêmos até, que muitos dos seus membros se regosijariam com o seu mal. Se esperanças, pois, podem ligar os parochos ás suas reclamações ordeiras e respeitadas, feitas a ministros cheios de cynismo e má fé? Do que actualmente sobraça a pasta da justiça, dizia-se aqui e em toda a parte «que era um christão velho, que tinha sangue fidalgo, que o seu prestigio lhe provinha em grande parte do apoio que encontrava nos padres», etc.

Destas considerações e de muitas outras que omittimos nascia a crença—feliz de quem tem boa fé—de que este ministro repararia a falta que o mesmo titular transacto não quis ou não soube remediar.

Mas o discurso da corda, posto pelos ministros na bôcca do primeiro magistrado da nação, apresentando o programma do governo nos seus actos mais importantes para com a vida da nação, esquece por completo as necessidades ecclesiasticas, tam urgentes e tam reclamadas, quer pelos factos, quer por aquelles que devêras se interessar pela sua prosperidade. Esta omissão pensada a criminosa do snr. ministro da justiça, pôe em evidencia o seguinte facto: se o titular da pasta da justiça no ministerio da presidencia do snr. Hintze Ribeiro era mau por não ter herdado sangue bom, o da presidencia do snr. José Luciano é mau porque corrompeu essa preciosa herança de seu pai.

Mas como por vias diversas se chega ao mesmo ponto, pôde concluir-se que tanto vale um como outro. Alguem tinha visto, nas respostas que o snr. José de Alpoim deu na ultima sessão parlamentar a varios oradores que lhe indicaram a triste injustiça com que era tratado o clero, uma boa vontade que se tomou por presagio infallivel duma proxima melhoria de situação. Mas o desengano agora é formal. Já se não podem vêr boas intenções em quem não promete nada. O es-

quecimento é uma aggravante que o clero deve ao snr. ministro. Delle nada tem a esperar. Pois esse clero que se podia impôr pela sua fôrça, se se unisse ao partido nacionalista, para expulsar das cadeiras ministeriaes os vendilhões das suas crenças e da sua patria, mais uma vez fechará os olhos da consciencia para, numa treva da alma, continuar a prestar apoio ao seu inimigo que o despreza, que o escarnece, que se ri delle. Esperança, se ha alguma, essa está só nos nacionalistas de ambas as camaras. Se fizerem ouvir a sua voz, ainda que nada de positivo consigam, pelo menos lavarão a affronta com que um ministro tentou conspurcar tantos innocentes e quem defendia a sua causa.

R. L.

Theologia para todos

V

A lei da oração

Obrigaçào da oração.—Mas somos nós obrigados a orar? Sim: é para nós um dever de consciencia. E as razões desta obrigaçào sam numerosas.

Preceito divino.—Cerca de 1:500 annos antes de Jesus Christo, o povo hebreu, depois de ter deixado o Egypto e atravessado o mar Vermelho, achava-se acampado ao pé do Sinai. Deus manda Moisés subir ao monte santo e ahí, entre raios e relampagos, deu-lhe os seus dez mandamentos. Ora o primeiro começa por estas palavras: «adorarás o Senhor, teu Deus».—Mas mandar adorar não é mandar orar?—Primeiro a oração suppho sempre a adoração. Antes de pedir a Deus um auxilio, uma graça qualquer, é preciso estar-se convencido do seu poder, da sua infinita grandeza e tambem da nossa miseria. Depois estudaí o acto de adoração: é ao mesmo tempo o reconhecimento da grandeza divina e da miseria humana.

Ensinio de nosso Senhor.—Durante sua vida pública nosso Senhor renovou o mandamento da oração: «E' preciso orar sempre e nunca cessar». (S. Luc. XVIII, 1). E para nos mostrar a efficacia duma oração perseverante, apresenta-nos o exemplo dum juiz iniquo, que recusa fazer justiça a uma pobre viúva, e que, para não ser importunado mais tempo, acaba por lhe conceder o que pedia. Não é um simplez conselho o que o Mestre nos dá por estas palavras, mas uma ordem formal.—E' ainda uma ordem de orar a que dáva a seus apostolos, quando no jardim das oliveiras lhes dizia: «Vigiai e orai».

Seus exemplos.—Mas Jesus Christo não se contentava com ensinar a oração; praticava o que ensinava.

Antes de começar a sua vida apostolica através dos valles e dos montes da Judeia, retirou-se ao deserto e passou quarenta dias

em jejum e oração. Quando quis escolher os doze apostolos para os instruir e enviar após de si continuar a sua missão sobre a terra, passou a noite precedente em oração. Durante a sua vida pública, vemos ainda o divino Mestre, depois de dias fatigantes passados a instruir as multidões, a curar os doentes que lhe eram apresentados, retirar-se a um logar afastado em algum monte, e passar as noites em oração. Quando prégava em Jerusalem, o jardim das oliveiras era o seu retiro habitual. Ahí é que, na tarde da sua agonia, prolongou a sua oração durante muitas horas até á chegada do traidor Judas e sua comitiva. Emfim, sobre a cruz ovimos muitas vezes Jesus levantar a voz para seu Pai e orar assim: «Meu Pai, perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem! Meu Pai, por que me abandonastes?» Como vemos, Jesus orou muito e pôde-se dizer que a sua vida foi uma oração continua.

Nossas proprias necessidades.—Emfim, as nossas proprias necessidades impõem-nos uma obrigaçào rigorosa de orar. E' certo que somos fracos, incapazes de todo o bem; esta verdade foi assás demonstrada nas instrucções precedentes. Somos como o ramo que, separado do tronco, nenhum fructo pôde produzir. Na ordem da salvação não podemos nem fazer o bem, nem evitar o mal. E' preciso por isso que Deus nos auxilie, que da altura do seu poder e bondade desça á nossa fraqueza. Mas quem inclinará o coração de Deus para o nosso? A oração. Do mesmo modo a creança pequena e tímida, quando se encontra na necessidade e no perigo, solta um grito de angustia para a mãe que logo corre ao seu chamamento.

Tempo da oração.—Está demonstrado: nós somos obrigados a orar; mas quando é preciso fazê-lo?

Sempre.—Segundo a palavra de nosso Senhor, que acabo de vos citar, haveria obrigaçào para nós de orar sempre. E' ainda a mesma affirmacão a que encontramos em outra passagem de S. Lucas. Depois de ter num estylo magnifico annunciado os males que aconteceram na ruína de Jerusalem e no fim do mundo, o divino Mestre acrescenta: «Vigiai pois orando sempre». (XXI, 36). Por estas palavras Jesus não quer dizer que devamos passar os nossos dias a fazer orações vocaes e mentaes, mas que a oração deve ser habitual no christão, e que, offerecendo a Deus todas as nossas acções, devemos fazer com ellas como que uma oração incessante.

Pela manhã e à noite.—Todos os directores de almas sam unanimes em afirmar que os christãos satisfazem ao preceito da oração, se todos os dias, de manhã e à noite, tomam alguns instantes para orar: de manhã, emquanto o espirito está mais disposto, para offerecer a Deus o seu coração e o seu dia; á noite para lhe agradecer as graças re-

cebidas, pedir-lhe perdão das faltas commettidas e offerecer-lhe o descanso da noite. Na da mais natural em verdade que a oração da manhã e da noite. Um menino bem educado considerar-se-hia, e com razão, como um ingrato, se de manhã ao levantar-se não desse «bons dias» a seus pais e se, antes de se deitar, lhes não desse as «boas noites». A oração da manhã e a da tarde sam os «bons dias» e as «boas noites dadas a Deus por uma alma delicada e piedosa.

Especialmente no domingo.—O domingo não é um dia ordinario; é o dia do Senhor: por isso é que, pelo mandamento formal da Igreja, devemos santificá-lo pela assistencia ao santo Sacrificio do altar. Faltar á missa neste dia seria violar gravemente a lei da santificação do domingo. E' que o santo Sacrificio é a mais efficaz de todas as orações, porque o proprio Jesus Christo offerece a seu Pai as suas supplicas e as nossas. Uma pessoa christã considerará pois um dever e uma honra assistir piedosamente á santa missa todos os domingos. Irá ainda mais longe: assistirá ás vespersas e outros officios para se desempenhar dignamente do dever da oração.

Nas tentações e nos perigos.—Emfim devemos orar ainda nas tentações e nos perigos: nas tentações, desde que o peccado se nos apresenta sob as apparencias mais seductoras e mais enganadoras, procurando captivar o nosso coração, para mais facilmente sujeitar a nossa vontade. Jesus comprehendeu este perigo e a necessidade que temos então do socorro de Deus, elle que nos manda dizer no «Padre nosso»: «não nos deixeis cair em tentação». De mais, é preciso ainda orar no perigo, a fim de obter as graças necessarias para superar as provas, ás vezes tam duras, da vida presente.

(Continúa).

CURIOSIDADES

Estatistica.—Uma estatistica de tempos a tempos dá gosto. Eiz uma acerca de instrumentos musicos. Durante os oito primeiros meses do anno passado exportou a França 2:611 pianos rectos, indo 878 para Inglaterra, 520 para a Belgica e 1:213 para os outros países, num valor total de 1:567:000 francos; 168 pianos de cauda, 2:458 orgãos-harmoniums; 57 orgãos de tubos, 148 orgãos de manivella; 21 realejos, 59 harpas; 15:970 rebecas e rabecões; 178 violoncellos, 21 contrabassos de madeira; 974 guitarras e bandolins, 200 duzias de flautins duma só chave e ocarinas, 5:349 flautas, 484 flautas grandes, 4:516 oboés, clarinetes, cornetins, fagotes e gaitas de folle; 2:215 contrabassos de cobre; 2:416 clarins, etc. Como se vê, a harmonia não acabará tam cedo.

Ardósia.—Um testamento numa ardósia. Em Wriezen, na Allemanha, é que se deu o facto. Um velhote celibatario tinha legado a sua fortuna, avaliada em 138 mil marcos, a dois parentes. A' hora da morte quis reformar o testamento. Procurou-se papel e tinta, mas não appareceu. Comtudo o tempo urgia, porque a morte estava proxima a concluir a sua obra. Então não se hesitou. Pegou-se numa ardósia de rapaz de escola que ali andava despresada pelo chão e nella se escreveu o novo testamento. Se uma esponja inadvertida passasse por cima daquellas lettras, já os parentes não ficariam desherdados.

Erva.—Comei erva e curar-vos-heis, diz Eusebio Santos. Eusebio Santos é de Cuba, antiga colonia hispanhola. Conseguiu vencer alguns dos seus compatriotas da efficacia da sua receita. E até em Nova-York o espectáculo dos seus sectarios é um dos mais curiosos. Pessoas de todas as classes da sociedade—advogados, financeiros, pastores, militares e creanças, invadem de manhã cedo o Central-Park, debruçam-se sobre a erva, impregnada de orvalho, e apanham bons boccos. Um velhote, Frank Taylor, que ha muitos annos soffria do estomago, encontrou-se curado com o novo regime depois de quinze dias. O padre Kneipp tambem falla em curas por meio da bolota, do feno e das cascas das fructas.

Concurso.—Concurso americano organizado por um importante Syndicato de avicultura. Tratava-se de adivinhar quantas pennas tinha uma gallinha de pura raça americana, cuja idade e peso eram indicados. Numerosos premios e relativamente elevados deviam ser a recompensa dos que mais se approximassem do numero exacto. Afluiram logo milhares de respostas do norte e do meiodia, de Nova-York, de Boston e Chicago e das cidades longinquoas de Far-West. O concurso foi encerrado depois de seis semanas de febre geral. E tendo sido conscienciosamente depennada a gallinha deante duma commissão de personagens scientificos, proclamou-se o numero official: 8:120 pennas. Em que se passa o tempo! Mas talvez que isto seja uma galga americana, como muitas outras que por ali correm.

Um fogão para produzir frio.—Consiste um luxo moderno em collocar nos aposentos grandes pedaços de gelo para refrescar a temperatura do ar ambiente, e as fabricas onde se fabrica o gelo artificial, produzem esses pedaços, especialmente moldados para este uso. Não é possível encontrá-los em toda a parte, emquanto o gelo para refrigerar se encontra em muitos lugares. Um distincto metereologista dos Estados-Unidos, Willis L. Moore, não se dignou de descer das alturas da sciencia para imaginar o melhor meio de tirar proveito della, afim de combater em casa os calores abafadiços do estio. Do mesmo modo que no inverno se empregam calorificos carregados da hulha preta para aquecer, tambem elle concebeu um frigorifico carregado de hulha branca para refrigerar. O seu aparelho, em fórma de columna, é dividido em duas partes por uma separação de grade metallica. A parte superior contém gelo quebrado; ali circula o ar, que, arrefecido, se torna mais pesado e tende a descer para baixo; mas como o gelo quebrado tem uma tendencia a tornar-se a soldar e formar bloco, o que interromperia esta cir-

culação do ar, este espaço é atravessado por um certo numero de tubos de folha que vam dar na grade inferior. Por baixo, a alguma distancia, uma especie de prato recebe as agnas de condensação que saem para fóra por um conducto central. E' tambem atravessada a parte inferior de aparelho, no sentido do comprimento, por uma serie de tubos imersos numa mistura refrigerante de gelo e sal. O ar proveniente dos tubos superiores é ainda arrefecido nestes tubos, o que accelera a sua circulação para baixo; emfim torna a sair por uma grande tubuladura, donde se diffunde nos aposentos. E' uma verdadeira caldeira tubular... para arrefecer o ar. Todo o systema repousa num vaso que recolhe a agua dos vapores que se condensam nas paredes do aparelho. Seria quasi a perfeição, se o ar frio, assim lançado perto do soalho dos quartos, não devesse ficar, segundo todas as apparencias, nas camadas inferiores.

Um submarino commercial.—Annuncia-se do Canadá a criação duns submarinos commerciaes, que seriam utilizados para a cultura e exploração do fundo do mar, pesca e acclimação das esponjas, pesca das ostras peroleiras, colheita do nacar e perolas finas, pesca e exploração methodica do coral. Em 1851 já um rico lord inglês, Cornett, tivera a mesma ideia, mas pô-la em execução dum modo particular. Gastou muitos milhões para fazer construir num estaleiro da Escocia um barco-mergulhador dos mais aperfeiçoados, com que empreendeu o reconhecimento submarino das costas inglesas. O interessante da historia é que este original Cornett a ninguem deu palavra a respeito do seu projecto e contentou-se com mystificar, durante quasi dois meses, os seus compatriotas, absolutamente estupefactos de verem de tempos a tempos uma massa negra, enorme, semelhante a um grande charuto, que desaparecia debaixo das ondas, quando os navios ou embarcações tentavam approximar-se della. O monstro rapidamente entrou na moda. Cantaram-no nos cafés e ridiculizaram-no nas gazetas. Porfiava-se a qual lhe daria as fórmas mais extravagantes e as proporções mais gigantescas. Ora era a baleia branca das regiões hyperboreas, ora era outro cetaceo cujos tentáculos podiam abarcar uma embarcação de 500 toneladas e arrastá-la aos abyssos. Depois disto Cornett levantou a mascara, levou o seu barco ao caes de Londres e fez uma segunda fortuna instituindo um torniquete pagante para uso dos visitantes.

NOTICIARIO

Arcebispo Primás.—Esteve hontem de tarde nesta cidade o Ex.^{mo} Arcebispo Primás. Sua Exc.^a Rev.^{ma}, depois de alguma demora no Seminario, retirou-se outra vez para Braga. Sua Exc.^a Rev.^{ma} veiu acompanhado pelo sr. Dr. João Nepomuceno Pimenta, muito digno Vice-Reitor do Seminario Conciliar de Braga.

Parabens.—Damo-los aos nossos conterraneos snrs. Manuel Ribeiro de Sousa Mascarenhas, Alvaro da Silva Penafort e Accacio Machado de Faria e Oliveira pela boa classificação que obtiveram no concurso para escriptores de direito a que ultimamente se submetteram.

Procissão de Passos.—Deve sair no proximo domingo, pelas 4 horas da tarde, da igreja do Campo da Feira, a magestosa procissão de Passos, uma das mais imponentes que se fazem nesta cidade.

No religioso prestito incorporar-se-ham muitos anjinhos e figuras allegoricas, o rev.^{mo} Cabido da Real Collegiada, irmandades e confrarias, e uma força numerosa de infantaria 20 com a respectiva banda.

Para que ella tenha o maximo luzimento acabam de ser confeccionados no Collegio da Real Irmandade dos Santos Passos 16 vestidos para os anjinhos, constando-nos que a irmandade está no firme proposito de não admitir anjos que não se apresentem com a exigida e necessaria decencia.

Os Passos collocados em diferentes ruas da cidade estarão todos abertos, ostentando ornatações proprias.

O sermão, que será pregado ao recolher, foi confiado ao rev.^{mo} Abilio de Passos, pregador regio. desta cidade.

No sabbado, desde as 7 até ás 10 horas da noite, estará á adoração dos fieis a veneranda imagem do Senhor dos Passos, achando-se em exposição na igreja as ricas alfaias que se ostentaram no religioso prestito.

Tambem haverá *miserere* a vozes e instrumentos de corda.

Solemidades quaresmaes.—Realisa-se amanhã, pelas 4 horas da tarde, no templo da Real Irmandade dos Santos Passos, a 5.^a conferencia quaresmal, sendo orador o rev. Gaspar da Costa Roriz, commissario da V. O. T. de S. Francisco, desta cidade.

Findo o sermão ficará á veneração dos fieis o 5.^o Passo, representando a quédia de Jesus no caminho do Calvario.

Cartas de encomendação.—Pela Camara Ecclesiastica foi passada carta de encomendação por tempo dum anno, para a freguesia de S. Christóvão de Selho, a favor do rev. Padre José Antonio da Silva. —Pela mesma repartição e pelo mesmo prazo foi passado identico titulo a favor do rev. Padre Manuel Lopes Leite de Faria, para a freguesia de Santa Maria de Souto.

Estrada concelhia n.º 13.—No dia 10 do corrente mês de abril, pelas 12 horas da manhã, deve ser arrematada em hasta publica, nos Paços do Concelho de Guimarães, a obra de construcção da estrada concelhia n.º 13, de Lordello ao Bom Jesus.—lanço das Tappas a Santa Christina de Longos, parte comprehendida entre os perfis 187 e 209, na extensão de 440^m, 06—empreitada de terraplenagem e obras de arte, sob a base de licitação de 380.000 reis.

As condições estão patentes na secretaria da camara, para serem examinadas pelos interessados.

Bilhetes Postaes. illustrados com o retrato de Sua Santidade Pio X, vendem-se na *Typographia Minerva Vimaranense*, rua de Payo Galvão, a 10 réis cada um.

Um policia espancador.—Deu entrada ha dias no hospital da Misericordia o cocheiro Francisco Magalhães, que na tarde do ultimo domingo fóra barbaramente espancado pelo policia n.º 8, que por fatalidade faz parte da corporação policial desta cidade.

Desejamos abster-nos de referir semelhante caso, mas o nosso dever de jornalista, embora dos seus mais insignificantes membros, obriga-nos a pôr de parte a commiseração por um ente mesquinho e brutal, para a pôr ao serviço da sua victima, que um acaso, igual a muitos que diariamente se repetem, atirou ás suas garras aduncas e malfazejas.

Foi o caso que o cocheiro acima referido era conductor de uma carroça que, na rua da Rainha, ao largo de Franco Castello Branco, ia atropellando uma creança, naturalmente por descuido ou por fatalidade, que muitas vezes se dam.

Um policia, o tal n.º 8, que estava perto, ao presenciar o caso, abeirou-se do cocheiro, dando-lhe voz de prisão, ao que o cocheiro respondeu que não podia ir preso porque não podia deixar o carro só, mas que pagaria a multa se lhe applicassem.

Nada mais foi necessario para que o desalmado policia soccasse valentemente, com o punho do seu revolver, o pobre cocheiro, vindo ainda em seu auxilio um outro policia, dizem-nos que o n.º 9, servindo-se do sabre ou coisa que o valha para acabarem de cevar os seus maus instinctos na pobre victima.

Depois desta brutalidade sem nome, ainda nos informam que obrigaram o pobre do homem, depois de se achar na esquadra policial, a metter a cabeça sob a bomba, fazendo-lhe jorrar a agua para lavar os ferimentos que lhe haviam produzido com o sabre, obrigando-o a abeirar-se do tanque a força de pontapés.

Ora isto não se faz e repugnou sobremaneira a todas as pessoas que tiveram conhecimento de acto tam selvagem como improprio de uma corporação que se organizou para manter a ordem, quando é certo que assim só procurará provocar a desordem.

Segundo nos informam, o sr. dr. Delegado desta comarca, a quem foi feita a competente participação, trata de processar o desalmado guarda civil n.º 8 e os que tomaram parte neste caso repugnante, que bem merecem castigo severo e formal, e mal irá se sua ex.^a não procura pôr termo a taes abusos.

E' preciso que se dê uma satisfação á sociedade, e essa satisfação não será completa se o policia n.º 8 continuar a exercer o seu cargo, de que já devia estar completamente desligado.

Assim o exige até o decoro da propria corporação de que faz parte.

Collegio da SS. Trindade.—Neste importante collegio foi ha dias exposto publicamente o resultado dos exames semestraes dos alumnos de instrucção secundaria que o frequentam.

O resultado foi bastante satisfatorio, tendo sido adiado apenas um alumno externo.

Os alumnos que obtiveram melhor classificação foram os seguintes:

4.^a classe—Nórberto José Machado, 9 valores.

3.^a classe—Antonio A. de Assis Teixeira, 9 valores; Alberto de J. Ribeiro Torres, 8; e Alfredo Pinto de Sousa, 8.

2.^a classe—Francisco da Cunha Mendes, 9 valores; e Joaquim de Sousa Guedes, 8.

1.^a classe—Affonso A. da Motta Guedes, 8 valores; Antonio L. de Araújo Dantas, 8; e Tito Livio das Neves, 8.

Curso singular—Antonio Cravo, 9 valores.

E' de advertir: 1.^o, que o maximo de valores que cada examinador podia dar era 10; 2.^o, que cada alumno foi examinado durante tres quartos de hora; 3.^o, que a classificação final e unica representa a média dos valores obtidos nos exames das diferentes disciplinas de cada classe.

Concurso.—A camara municipal deste concelho, devidamente auctorizada, abre concurso documental por espaço de 30 dias, a contar da publicação do annuncio respectivo, que deve ser feita em 8 ou 9 do corrente, para o preenchimento dos seguintes lugares vagos:

Amanuense da secretaria municipal, com direito ao vencimento annual de 160.000 reis;

Zelador municipal na povoação das Caldas de Vizella, com direito ao vencimento diario de 200 reis;

Cantoneiro das estradas municipais, viação classificada, com direito ao vencimento diario de 200 reis.

Os concorrentes deverão apresentar na secretaria municipal, dentro daquelle prazo, os seus requerimentos instruidos com os documentos exigidos pelo decreto regulamentar de 24 de dezembro de 1892 e mais legislação applicavel.

Associação Artistica.—Desta benemerita Associação de soccorros mutuos vimaranense acabamos de receber o Relatório dos actos da direcção e parecer do conselho fiscal relativos ao anno de 1904, apresentados em assembleia geral ordinaria de 5 de março de 1905.

Do mesmo se vê que a sua receita foi de 888.840 reis e a despesa de 761.560 reis, resultando um saldo de 127.280 reis, que passou a fazer parte dos fundos de reserva de socios doentes e invalidos, na importancia de 117.258 reis para o primeiro e 10.022 reis para o segundo.

Nos diversos subsidios dispendeu a associação a quantia de reis 562.090, distribuidos da forma seguinte:

Pensões pagas aos socios invalidos	219\$770
Soccorros pagos em dinheiro aos socios doentes	238\$320
Subsidios pagos a viuvas de socios fallecidos	80\$000
Idem para enterramentos de socios fallecidos	24\$000

O fundo permanente em 31 de dezembro de 1904 ficou em reis 11.761.742, sendo 7.841.164 rs. de socios doentes e 3.920.578 reis de socios invalidos.

O fundo de reserva de socios doentes foi elevado a 257.209 reis e o de socios invalidos a reis 120.580.

E' bastante animador o estado financeiro desta benemerita associação, mas muito mais o seria se os operarios se convencessem da grande utilidade e dos relevantes serviços que prestam estas instituições aos seus associados.

A Restauração

Offerta valiosa.—Pelo sr. commendador André Ave-lino Lopes Guimarães foi offere-cida ha dias á veneranda imagem do Senhor dos Passos, da igreja do Campo da Feira, uma inscripção do valor nominal de 100.000 reis, para os seus juros serem applicados ao culto da mesma imagem.

Este acto foi praticado pelo nosso patricio em satisfação de um voto que fizera.

Companhia dos Banhos de Vizella.—Deve reunir no dia 16 do corrente mês, pelas 11 horas da manhã, na sua séde, no largo de Franco Castel-lo Branco, desta cidade, a assem-bleia geral ordinaria dos accio-nistas da Companhia dos Banhos de Vizella, para discussão e vota-ção do relatório e contas da ge-rencia do anno de 1904 e parecer do conselho fiscal.

Por aquelle documento, que temos presente, se vê que o saldo positivo no mappa de lucros e perdas foi de 5:320.938 reis, sobre o qual a digna direcção apre-senta a seguinte proposta:

Para dividendo, pelas acções liberadas, 3 % do livro do imposto de rendimento	2.442\$000
Para fundo de reserva	53\$298
Para fundo de conservação e renovação deapparehos	500\$000
Para amortização da conta antiga de despesas geraes	1:000\$000
Para amortização do saldo da conta das despesas foren-ses	210\$460
Para conta nova de "Lucros e Perdas," e contribuições	1:115\$185
	5:320\$938

O numero de banhos e outras applicações naquelle importante estabelecimento thermal foi de 78:515, que renderam a somma de 14:546.960 reis.

Côrtes.—Com as formalidades do estylo foram abertas as Côrtes Geraes na passada se-gunda-feira, lendo sua majestade el-rei o discurso da corôa, que lhe foi apresentado pelo ministro do reino snr. conselheiro Pereira de Miranda.

Congresso de Leitaria, Olivicultura e Industria do azeite.—Da Real Associação Central da Agri-cultura Portuguesa recebemos uma circular, com data de 27 do mês findo, em que nos commu-nica que, tendo sido adiada para o dia 7 de maio proximo a Inau-guração do Congresso de Leitaria e Industria do azeite e para o dia 11 do mesmo mês a da Exposição Agricola na Real Tapada da Ajuda, a en-trada deapparehos, machinas, productos e gados será regulada pela forma seguinte:

A entrada de apparehos, machi-nas e productos termina no dia 20 de abril proximo, e os objectos que forem apresentados depois dessa data poderam não ser recebidos.

A entrada de animaes destinados á Exposição começa no dia 6 de maio e termina no dia 9, e podem tambem deixar de ser recebidos os que se apresentem depois d'essa data.

Os productos de facil alteração, taes como leite, etc., poderam en-trar até a vespera da abertura da Exposição, e ser substituidos quan-do o expositor o julgar conveniente.

Agradecemos a remessa dos bilhetes com que fomos obsequia-dos.

Cadastrros de des-obriga, em papel de linho de 1.^a qualidade, feitos pelo melhor modelo conhecido, encontram-se á venda na *Typographia Minerva Vimaranesse*, rua de Payo Galvão, em frente á praça do mer-cado.

Preços dos cereaes.—No mercado da última semana os cereaes venderam-se nesta ci-dade pelos seguintes preços:

Trigo	950
Centeio	800
Milho alvo	840
Milho branco	800
Milho amarello	780
Feijão vermelho	1\$100
Feijão branco	1\$200
Feijão amarello	900
Feijão rajado	800
Feijão fradinho	850

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

—**Arquivo de Legislação.**—Sob este titulo, acaba de apparecer em Lis-boa, com a séde de administração na rua do Regedor, 19, 2.^o, uma revista semanal, que se nos afflira ser da mais levantada utilidade e importancia, em vista do fim a que se propôe, que é trazer os le-itores ao facto de tudo quanto vem sendo publicado no *Diario do Go-verno*, de indole official, sendo pu-blicados na integra os diplomas de menor tomo, e os mais exten-sos em summula tam desenvolvida quanto possível, indicando-se sem-pre a data e o numero da folha ofi-cial em que sam publicados.

Será, pois, um repositorio da le-gislação nacional, interessante para todos que exercem cargos publi-cos, e mesmo para os demais cida-dãos, pois todos precisam e todos devem ter conhecimento das dispo-sições leaes em vigor no seu país.

O preço de assignatura desta in-teressante e utilissima publicação é de 600 réis por tres meses ou série de 12 numeros, tendo cada n.^o 8 paginas a duas columnas, em formato grande e constituindo cada anno um elegante volume, digno de figurar nas estantes de todos que apreciam livros uteis e de to-dos que têm de consultar leis.

Acceptam-se assignaturas até á publicação do n.^o 6, pois desse nu-mero em diante resolveu a empre-sa limitar a edição ao numero de assignaturas obtidas, e suspender a remessa, que tenha sido feita avul-so, a todas as pessoas que não tenham pago a primeira série de as-signatura até á publicação do referido numero.

Recommendamos esta publicação aos nossos leitores, que destarte ficarão, por modesto preço, possuindo a mais completa e exacta rese-nha de diplomas officiaes, publica-dos no *Diario do Governo*, a assi-gnatura do qual importa em 18\$000 réis annuaes, não acceptando assi-gnaturas por menos de seis meses.

O *Arquivo de Legislação* vem a lume sob o patrocínio de uma em-presa bem conhecida no país—a *Bibliotheca Popular de Legislação*.

—**Curso de Economia Social.**—Aca-bamos de receber as cadernetas n.^{os} 12 e 13 desta importantissima obra que a Empresa da *Revista Catholica*, de Vizeu, trás em publica-ção.

Não ha duvida em afirmar que é a obra mais importante e de maior actualidade que se publica em Por-tugal.

Por isso mais uma vez chamamos a attenção dos nossos leitores e principalmente dos estudantes dos Seminarios para que adquiram esta

bella obra antes que termine a sua publicação.

Nas capas já vem annunciada uma nova publicação que esta be-nemerita Empresa vai lançar no mercado, intitulada

Theologia Pastoral de EMILIO BERARDI. Brevemente nos occuparemos desta obra que tam necessaria é ao rev.^o clero pa-rochial.

Para uma e outra obras está ab-erta a assignatura na Empresa editora da *Revista Catholica*, Vizeu.

LITTERATURA

AS BARBAS DO VIZO-REI

Veréis amor da patria, não movido De premio vil; mas alto, e quasi eterno: Que não é premio vil ser conhecido Por um prego do ninho meu paterno. Ouví.....
E julgareis qual é mais excellente. Se ser do mundo rei, se de tal gente.
CAM. LIZ.

Está por terra a fortaleza,
Jazem os muros no chão,
Não tem Diu mais defesa
Do que os peitos do christão.

Distantes só duas leguas,
Estám em Suna os inimigos.
E com elles não ha treguas,
Imminentes sam os p'rigos.

O vizo-rei Dom João
O seu filho já perdeu;
Mas seu nobre coração
Nem assim estremeceu.

Ao illustre Dom Fernando
Muitos na morte seguiram;
O seu valor imitando,
Morte e gloria conseguiram.

Os de el-rei fieis vassallos
Só vivem para vencer;
Póde a morte derrubá-los,
Cantam victoria ao morrer.

Peste, fomes, privações,
Tudo soffrem sem queixume,
Que dos luzos corações
Sempre foi este o costume.

Sua espada vencedora
Submette o rei de Cambaia,
E nos reinos lá da aurora
Plantam as quinas na praia.

Ninguem póde competir
Com os nobres portugueses;
Aos seus golpes resistir
Não podem saios, arnezes.

Estava Diu descercada,
Já morreu Coge Çofar;
Mas toda desmornada,
Que facil fôra o entrar.

Curvado por mil cuidados
Estava triste o vizo-rei:
«Meus trabalhos sam baldados,
«Triste de mim! que farei?»

Isto consigo dizia,
Que seu rosto o não mostrava;
Sombra alguma transluzia
Da magua que o maguava.

«Os Lascarins não trabalham,
«Se o jornal lhes não pagar,
«E por hi já muitos ralham
«As obras por começar:

«Não tenho prata, nem ouro,
«Não tenho joias, riqueza,
«E do meu rei o desdouro
«Como salvar com nobreza!»

«... Tenho o corpo de meu filho,
«Mandarei desenterrá-lo;
«Este penhor tem mais brilho,
«Eu saberei resgatá-lo.»

Assim fez, que Dom Fernando
Mandou se desenterrasse;
Aquelle penhor offertando
Talvez dinheiro encontrasse.

O cadaver mutilado
Para penhor não servia,
Pelos vermes devorado
Apenas se conhecia.

«Não irá» disse, e calou...
Mas que ideias sam as suas?
A sua alma trepidou?
Teme acaso as mouras luas?

Vinte mil pardãos carece
Para os muros refazer;
Peste e fome os desgaznece,
Os mouros podem vencer:

O corpo de Dom Fernando
Não lhe serve de penhor;
O seu filho hypothecando,
Déra aos seus brios, valor.

Mil juizos, mil razões
Os soldados já faziam;
Nem faltam murmurações
Que os capitães reprimiam.

«As minhas barbas serám
«O penhor dessa quantia,
«E, se bastantes não sam,
«Mandarei meu coração,
«Por augmentar-lhe a valia,
«E após outras virám
«Que lhe darám alforria
«E o penhor resgatarám.»

Cortou as barbas honradas,
A Gôa logo as mandou,
Para serem penhoradas,
Na fórma como ordenou.

Diogo Roiz de Azevedo,
Leva cartas e penhor,
E a resposta bem cedo
Traz assim, deste teor:

«De Gôa o povo, a nobreza.
«O penhor não acceitava;
«Do vizo-rei a grandeza
«E seu valor celebrava:
«Vinte mil cento e quarenta
«E seis pardãos remetia
«Como dom, e o dom augmenta
«No modo como o offerecia.
«Os penhores, que mandaste,
«Outra vez os remettemos;
«E muito mal nos julgastes,
«Se julgais os carecemos:
«A Diu vós libertastes,
«Seus muros nós lhos faremos;
«Do filho, que lá deixastes,
«O sepulcro guardaremos.

A carta dos da cidade
Estas palavras dizia,
Em que a honra, a lealdade,
Desinteresse transluzia.

Onde estám esses penhores
De honra antiga portugêsa?
Joias mais ricas, melhores,
Da nossa antiga nobreza?

De Penha-Verde na quinta,
Em redoma de crystal,
Está a joia mais distincta
De quantas tem Portugal.

Trovador! em teus cantares
Recorda as glorias antigas,
Eguaes feitos singulares
Talvez, ó patria, consigas.

J. P. Moraes Sarmento.

Conto gôr do ceu

Esmeralda

(Conclusão)

—Para mim?—perguntou Esmeral-da muito enleada, conchegando a si e acariciando a Corina.

Valentina contou-nos que Esmeral-da nunca se vira tam contente e satis-feita com as suas joias como com esta, que lhe caía do ceu, dizia ella. Gustavo não se expandia: estava por tudo, ape-nas lhe occorria um pequeno receio: que a creança não viesse perturbar o socego domestico...

Esmeralda habituou-se logo aos cui-dados pela filha adoptiva; e Corina, meiga e bella, prendia e captivava, dia a dia, os corações de Gustavo e de Es-meralda. Começaram a querer-lhe co-mo a filha, ou mais, se é possível.

—Dias depois—continuou Valentina —Esmeralda veiu visitar-nos e trouxe consigo o seu porta-joias de pau-san-to.—Sabes, Valentina?—me disse ella; eu prometti á Immaculada Conceição que, de toda a minha alma e coração, trocaria todas as minhas joias por uma só das tuas; depois pensei e fiquei cor-rida, porque desconfeitei que era a inve-ja que me cegava; agora vejo que a Vir-gem não me rejeitou o voto, e por teu intermedio realiza o meu ardente dese-jo. Venho, pois, dar cumprimento á pro-messa.

E Esmeralda entregou-me o seu the-souro. Reduzimos as joias a dinheiro, apurando-se perto de dous contos e os distribuimos por dez viuvas pobres com filhas e dez orphãzinhas de pae e mãe.

Oh! *santa* vaidade, que te tornaste orvalho fecundante sobre aquelles que te receberam! orvalho celeste que vies-te fecundar a caridade no coração ester-il daquella a quem o orvalho prendia as asas das aspirações para o bem, pa-ra a virtude!

—Corina crescia á medida que o tempo passava. Contando oito annos foi internada no *Collegio das Doro-theias*. Formou-se o vacuo na casa de Esmeralda: estavam devolutos dous lo-gares, á mesa das refeições e no leit-o-zinho junto ao quarto dos paes adopti-vos. Ai que tristeza naquelle lar! Pa-recia a casa deserta; pois se até um ca-nario que alli cantava o dia inteiro, em-mudeceu!

«Aos nove annos Corina fez a sua primeira communhão. Era chegado o dia mais feliz de nossa vida! O dia da primeira communhão. Gustavo e Esme-ralda ficaram soberanamente edificados assistindo áquelles actos, a que no nosso tempo se não dava a imponencia com que hoje se celebram nestas santas cas-as de educação. E Corina, com seu véu de filó branco, vestido da alvura do cysne, sapatinhos de setim, que parecia neve, e na frente uma grinalda de can-didas rosas... se os senhores a vissem assim, em uma attitude angelica e ex-tase sublime, haveriam de jurar que es-tava alli uma estatua de Lysipo, cujo cinzel dava vida ao marmore.»

Encantava-nos a descripção que Val-entina nos fazia de Corina; porém es-tava vendo que Esmeralda desaparecia completamente de scena. Mas, não; Valentina, deitando os olhos ao relógio que pendia da parede, deu nova direc-ção e voltou á historia de Esmeralda.

—Deus tinha dado todos os elemen-tos de restauração á bem formada alma de Esmeralda: Corina foi o instrumen-to inconsciente da perfeição com que a Providencia quis restabelecer em Es-meralda o equilibrio dos seus dons na-turaes. Em Corina permaneciam estas virtudes: *abnegação de si mesma; pru-dencia christã; amor do proximo; mansidão e humildade*. Esmeralda insculpiu em seu coração estes lemmas e formou com elles uma alma nova.

«Cinco annos depois Gustavo, cuja reforma moral se havia operado com os exemplos de Corina e refôrma de Esmeralda, dava a alma a Deus, con-fortado com todos os soccôros espiri-rituaes.

«Foi terrivel a provação que aprou-ve á Sabedoria Infinita fazer passar a desvelada consorte; porém a resignação christã inspirou-se-lhe na conformidade evangelica com que Corina recebia uma nova orphandade.

«Tomaram então um alvitre, que lhes foi resolução: recolheram-se ás *Dorotheias* de quem se fizeram *Irmãs* e dahi voaram á celestial patria.

«Ora ahí têm: que lhes parece?
—Um conto gôr do ceu!— respondi eu.

—Pois é. Agora já não temos nem Esmeralda nem Corina. As *Irmãs Do-rotheias* conservam dellas as mais gra-tas e santas recordações.

Respiramos. Feitos os nossos agra-decimentos, saímos encantados! Que boa, santa e intelligente velhinha!...

—Então, está satisfeito?—pergun-tou-me o snr. Aleixo.

—Muito satisfeito, e lhe agradeço muito e muito...

—Nanja por isso. Mas veja, meu ca-ro snr. Delfim Maria! Duas gerações temos nós visto passar pelo proscenio da vida, em que representamos o nosso papel. Quantos actos! quantas scenas, tristes e alegres, a que temos assistido e em que tambem representamos o nosso papel! Desde a *Maria da Fonte*... lembra-se?... qual?... era o snr. *pe-quenito*; eu já tinha meus onze annos; perdi ahi meu pae em uma refrega do povo com a tropa... A perda de meu pae assignalou a minha juventude; dahi para cá... como o tempo vóia!... já lá vai... já se foi o seculo...

—E' verdade, é verdade, snr. Alei-xo! *Como nós estamos velhos!!*

—Adeus!.....

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontificie e redactor da "Revista Catholica."

É por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attentões dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attentão da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfaziam completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas, e assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria no nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a tradução em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das luctrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução imensa que os machuismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sòmente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação faríamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga — Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

Nova Agencia

DE

Negocios eccleziasticos

SOB A DIRECÇÃO

DE

GERMANO DA SILVA

Solicitador official da Camara Patriarchal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portuguezas, Nunciatura, Roma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congenere com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º

LISBOA

ESTA interessante publicação que está sabindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

É trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicadas os quatro primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes, pelo menos, e deverá estar concluida em fins do corrente anno de 1904.

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

AS Terras de Valdovés
MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ
Por José Candido Gomes

Condições de publicação.—Todos os cavalheiros que aceitarem o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 reis cada volume nesta villa, e mais 50 reis fóra d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 reis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 reis.

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

Pedro Scavini
THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*—revisita e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 28000 reis.

Continua aberta a assignatura por cadernetas ou volumes.

Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida — Rua Grão-Vasco — Vizeu.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendó a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PÁDRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 17500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 reis.

Confeitaria Fernandes

Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encomendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PREÇOS CONVIVATIVOS.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.º e Rev.º Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar — Porto.